

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS

'MUNDO' RURAL E PATRIMÓNIO

Música Tradicional como Traço de Identidade do Mundo Rural:

Um Estudo de Quatro Tunas

José António Neves e Artur Cristóvão

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

... da mesma maneira que se preservam as relíquias literárias, plásticas e arquitectónicas do passado, não só pelo seu valor intrínseco, como por constituírem testemunhos de cultura e de civilização, também a canção popular, como produto e documento de actividade estética, que de toda a evidência é, tem jus a ser recolhida, arquivada e estudada, e tanto mais quanto ela pode na realidade prestar incalculáveis benefícios de ordem educativa e artística.

Fernando Lopes Graça (1974), citado por Oliveira (1982)

1. Enquadramento

Numa época em que a sociedade se torna cada vez mais global, quer nos aspectos culturais, económicos, sociais e até mesmo políticos, torna-se premente que a nossa identidade cultural não se perca. Não é novidade que o litoral continua a ser o grande meio impulsionador de uma cultura mais efémera que, a maior parte das vezes, não se identifica com as nossas verdadeiras raízes culturais, as quais podemos encontrar, ainda vivas, no nosso país interior. É, de facto, no interior rural que se mantêm com mais vigor, uma vez que os efeitos da globalização sobre as identidades locais, hábitos, tradições, modos de vida... menos se fizeram sentir (Cavaco, 1999), e onde a oralidade e as relações familiares e de vizinhança constituem alguns dos traços dominantes (Cristóvão, 1998), que as formas tradicionais de cultura - a música, o teatro, o folclore, o artesanato, os jogos populares - continuam a desempenhar um papel fundamental e a ser uma referência nos momentos mais marcantes da vida comunitária.

É exactamente por isso que muitos sociólogos defendem que, em matéria de cultura, são poucas as regiões que se podem considerar desfavorecidas. Sabendo que elas são depositárias de histórias e de tradições, construídas ao longo de gerações de homens e de mulheres, podemos, pois, afirmar que estas zonas

possuem, em geral, um rico património e até uma identidade própria. Assim, a cultura contém, ao mesmo tempo, os meios e as finalidades para incrementar o desenvolvimento de uma forma integral e integrada. Isto é, dada a diversidade dos traços de identidade e a riqueza patrimonial que podemos encontrar em zonas rurais, estas podem ainda desenvolver actividades económicas, que, por sua vez, são geradoras de valor acrescentado e de emprego (*Leader Magazine* nº 8, 1994, pp. 12-16).

A cultura assume, assim, um papel de tal forma relevante no desenvolvimento, o que levou a UNESCO a pronunciar-se sobre o assunto, na sua "Conferência Geral" reunida em Paris, de 17 de Outubro a 16 de Novembro de 1989, por ocasião da sua vigésima quinta sessão. Nela se considerou que a cultura tradicional e popular faz parte do património universal da humanidade, que é um poderoso meio de aproximação dos diferentes povos e grupos sociais e de afirmação da sua identidade cultural, e se realçou a sua importância social, económica, cultural e política, o seu papel na história de um povo e o seu lugar na cultura contemporânea.

A música tradicional, enquanto constituinte de manifestações da criatividade intelectual, individual ou colectiva, merece beneficiar de uma protecção que se inspire na que é dada às produções intelectuais. Uma tal protecção da cultura tradicional e popular revela-se indispensável, enquanto meio que permita desenvolver, perpetuar e divulgar este património, no país e no estrangeiro, sem atentar contra os interesses legítimos envolvidos.

Segundo Castelo Branco e Lima (1998), a música, enquanto processo social, produto cultural e comportamento expressivo, desempenha um papel fundamental na sociedade portuguesa. Ainda segundo estas autoras, os escassos estudos existentes a nível musical estão ligados à música erudita (Barreto, 1996), ao financiamento público das actividades musicais (INE, 1998) e às preferências musicais dos lisboetas (Pais, 1994) e dos portuenses (Silva, 1995), havendo pouca informação sobre as realidades musicais que envolvem as populações rurais.

A música tradicional, os romances musicados e o folclore, no seu sentido mais nobre, assumem especial importância e grande valor no desenvolvimento comunitário. E quem fala em músicas, fala em instrumentos tradicionais. Recuperá-los é, igualmente, valorizar a mão de obra, o artesanato e as sonoridades de um tempo e de um espaço que o progresso tecnológico não poderá nunca destruir.

Elementos recentes sobre o associativismo cultural ligado à música apontam para duas grandes conclusões: a nível nacional, segundo o Banco de Dados do INE

(Setembro de 1998), o total de grupos musicais locais é de 3 720; no que toca à região de Trás-os-Montes e Alto Douro, também é grande o número de associações culturais ligadas à música popular, conforme demonstraremos mais adiante .

Contudo, a curto prazo, uma das nossas maiores riquezas culturais, a música tradicional, pode desaparecer do nosso quotidiano, em detrimento de uma nova cultura musical cujo identidade é indeterminada, quer no espaço, quer no seu conteúdo. Muitos autores se têm questionado sobre este problema, mas foi Ernesto Veiga de Oliveira (1982) que deixou bem clara a importância do problema, quando afirmou "...Quem tocará ainda a bandurra beiroa e a viola campaniça, desaparecidos o tio Manuel Moreira, de Penha Garcia, e o Jorge Caranova, de Santa Vitória?... E quando se for o Virgílio Cristal, quem ficará para tocar o deslumbrante tamboril e flauta em terras mirandesas?... É bom, é mau? É a lei dos tempos para lá do bom e do mau... e quando as alvíssaras da Páscoa ou as alvoradas dessas bárbaras festas transmontanas forem feitas por um altifalante instalado numa furgoneta que atroa os ares com a última canção duma vedeta da rádio, o mundo terá certamente perdido uma grande riqueza - ou melhor: a riqueza do mundo valerá muito menos a pena ser vivida".

Assim, mais do que realizar um cancionário, há que analisar, a nosso ver, uma realidade que se prende com a forma como as Associações Culturais têm preservado a identidade musical rural. Torna-se, então, necessário analisar que apoios têm tido, quem são os beneficiários, quais são os grupos etários envolvidos, em que medida o interesse pelos aspectos culturais, nomeadamente, a música popular, demonstrado pelos jovens, poderá vir a contribuir para uma mais eficaz revitalização das áreas rurais. É também fundamental estudar a melhor forma de incluir nos *currícula* a música tradicional e investigar até que ponto a escola poderá ser um meio revitalizador das tradições culturais populares.

Na impossibilidade de estudar todo o país, decidimos restringir o nosso estudo ao distrito de Vila Real. Assim sendo, este trabalho teve como objectivos principais:

- ✧ Caracterizar a realidade do panorama musical popular do Distrito de Vila Real ;
- ✧ Analisar como o mundo rural tem reagido, em termos culturais, à globalização da vida social, e a forma como tem preservado a identidade cultural local, nomeadamente através da música;
- ✧ Analisar a preservação do património musical local como meio de desenvolvimento cultural do mundo rural;

- ✧ Identificar os tipos de apoio que as associações culturais e os grupos de música tradicional, recebem e respectivas fontes; e
- ✧ Identificar quais os grupos etários envolvidos e quem são os beneficiários do trabalho realizado pelas associações.

Nesta comunicação apenas se apresentam dados parciais do estudo.

2. Nota Metodológica

O Nordeste Transmontano tem um grande potencial em termos de música popular, possuindo um elevado número de Associações Culturais, Ranchos, Tunas e Bandas. Segundo dados fornecidos pela Delegação do Ministério da Cultura, existem nesta região 50 Bandas, 15 Escolas de Música e cerca de 300 Associações Culturais e Ranchos Folclóricos. Perante toda esta diversidade, decidimos focalizar o nosso estudo nos concelhos de Vila Real, Mondim de Basto e Santa Marta de Penaguião, nos quais, em conjunto, podemos encontrar um total de 60 Associações Culturais e Recreativas, sem incluir neste número as Associações Desportivas ou com outros fins.

Do universo das cerca de quarenta e oito Associações que possuem a Música como uma das suas principais actividades, foram intencionalmente escolhidos e estudados os casos de quatro Tunas, como exemplos de contributo para a vida cultural e a promoção do meio em que se inserem, tendo em conta a importância que a música tem assumido como factor de preservação da identidade e desenvolvimento local.

Foram utilizadas as seguintes técnicas de recolha de informação: inquérito postal, entrevistas, observação e análise documental.

O inquérito postal destinou-se a obter uma perspectiva global da situação no distrito de Vila Real. Através dele obtivemos informações e apreciações de entidades tais como Câmaras Municipais, Inatel, Delegação Regional da Cultura do Norte, Associações Culturais e Recreativas e, também, de pessoas singulares, nomeadamente ex-membros dos órgãos sociais de Associações. Foram devolvidos 101 dos 236 inquéritos enviados (cerca de 43%).

Foram feitas entrevistas formais a responsáveis autárquicos pelo Pelouro da Cultura, presidentes de Câmara, presidentes de Juntas de Freguesia e dirigentes de serviços desconcentrados do Poder Central, INATEL e Delegação do Ministério da Cultura, que constituem o grupo dos informantes-chave do nosso estudo. Numa

segunda fase, foram feitas entrevistas informais a dirigentes associativos, participantes em acções culturais e outros informantes locais.

Observámos ainda algumas das actividades de três das tunas estudadas, Tunas de "Carvalhais", da "Campeã" e "A Voz do Campo". O mesmo não aconteceu com a "Tuna de Ermelo", uma vez que já se encontrava extinta. Ao deslocarmo-nos para realizar as entrevistas e a consulta de documentação diversa, fomos também observando e, até, fazendo entrevistas fora de agendamento prévio.

Procurámos, finalmente, analisar documentação significativa existente nas Juntas de Freguesia e nos arquivos das Associações: correspondência, actas, cartazes de realizações e outros elementos, que podiam facilitar a compreensão de atitudes e comportamentos e ajudar a entender o trajecto histórico da própria instituição.

3. As Associações Culturais e a Música Tradicional

As Associações têm tido um papel fundamental na divulgação da música popular do distrito. Contabilizámos 236 Associações Culturais e Recreativas, não contemplando as Associações Sociais e as Desportivas. Isto porque, conforme se pode ver no estudo "*O Sector da Cultura: Práticas e Política nos Municípios da Região do Norte*" (CCRN, 1998), muitas delas começaram como culturais, ou culturais e recreativas, e evoluíram posteriormente para sociais e acabaram por se transformar, muitas vezes, apenas em futebolísticas. Daí a preocupação que tivemos em considerar, para o nosso estudo, apenas aquelas que se enquadravam na primeira classificação.

A importância das Associações é de tal modo significativa que, segundo dados de 1995 do Instituto Nacional de Estatística, um em cada 10 portugueses é sócio de uma Associação Cultural e Recreativa. Segundo a mesma fonte, foram contabilizadas 3300 Associações a nível nacional, o que significa estarmos perante o universo de um milhão de indivíduos. Apesar de 60% destas instituições se situarem no litoral Norte e no Centro do país, no distrito de Vila Real encontram-se cerca de 7,9%.

O quadro 1 mostra-nos como estas Associações se distribuem pelos diferentes concelhos do distrito e qual o número das que incluem a música como uma das suas actividades.

Quadro 1 – Distribuição das Associações Culturais por Concelhos (1998)

Associações Concelhos	Total de Associações Culturais e Recreativas	Total de Associações com actividade Musical	%
Alijó	33	20	60,6
Boticas	9	4	44,4
Chaves	35	14	40
Mesão frio	6	5	83,3
Mondim de Basto	13	5	45,1
Montalegre	11	8	72,7
Murça	16	7	43,7
Peso da Régua	18	16	88,8
Ribeira de Pena	12	9	75
Sabrosa	19	10	52,6
Santa Marta	6	6	100
Valpaços	11	8	72,7
Vila Pouca	6	5	83,3
Vila Real	41	37	90,2
TOTAL	236	154	65,2

Fonte: Câmaras Municipais, INATEL, Delegação Regional da Cultura.

Ainda segundo o mesmo estudo, as mulheres, apesar de apenas serem 40% dos associados, têm aumentado a sua participação, nomeadamente a nível de Bandas, Filarmónicas, Ranchos ou Tunas, no que diz respeito ao distrito de Vila Real.

Verifica-se que, no distrito, 62,5% das Associações Culturais incluem a música entre as suas actividades. Na verdade, é indiscutível a importância que a música tem, bem como todas as actividades a ela ligadas, sendo a principal razão de funcionamento das Associações Culturais. Só no distrito de Vila Real existem 25

Bandas de Música, isto sem contar com as Fanfarras. Ora, tendo cada Banda, em média, 45 músicos, estamos a falar num universo de 1125 pessoas envolvidas nesta actividade musical, sem contabilizarmos os jovens que frequentam as escolas das Bandas.

Quadro 2. Número de Pessoas ligadas à actividade musical e sua percentagem na população por concelho (1998)

Concelhos	1 População	2 Associações com actividade musical	3 Estimativa da População ligada à actividade musical	4 %
Alijó	15550	20	747	4.8
Boticas	7560	4	180	2.3
Chaves	40280	14	868	2.1
Mesão Frio	5300	5	205	3.8
Mondim de Basto	9540	5	175	1.8
Montalegre	13970	8	280	2.0
Murça	6990	7	593	8.5
Peso da Régua	21700	16	624	2.9
Ribeira de Pena	8040	9	232	2.9
Sabrosa	7280	10	430	5.9
Santa Marta	9780	6	232	2,3
Valpaços	21600	8	616	2,8
Vila Pouca	16370	5	195	1.2
Vila Real	46680	37	1672	3,6
TOTAL	230640	154	7049	3.1

Fonte: Levantamento realizado no âmbito do estudo.

Analisando o quadro 2 podemos concluir que, no distrito, e só a nível das Associações Culturais, estão envolvidas 7.049 pessoas na actividade musical, repartidas pelas 154 delas que possuem a música como uma das suas actividades. O que significa que, num universo de 236 Associações Culturais, com cerca de 10.083 pessoas envolvidas nas suas actividades, 70% dessas pessoas estão ligadas, de alguma maneira, à divulgação da música tradicional. Não contamos com as bandas de garagem, grupos musicais e escolas de música particular, o que de certo aumentaria (e muito) o número de pessoas ligadas ao sector musical.

4. Quatro Tunas em Análise

A TUNA DE ERMELO

Esta freguesia pertence ao concelho de Mondim de Basto, sendo a aldeia de Ermelo a sua sede. Nela habitam 1.500 pessoas, sendo os residentes 850. A sua área total é de 41,08 Km².

Entre 1960 e 1961 a população da freguesia baixou consideravelmente, devido à elevada saída de pessoas para a região de Lisboa e para o estrangeiro, sendo o Luxemburgo o país de eleição. Esta é, pois, uma zona afectada pelo fenómeno migratório, verificando-se um forte envelhecimento da população, tendo a maioria mais de 50 anos.

A Tuna de Ermelo foi fundada em 1916 por José Gonçalves Grilo, um músico autodidacta, com a finalidade de "encaminhar os jovens para a vida do espírito"(Minhava,1984). Resultou da junção dos quatro grupos da zona - Cavernelhe, Bobal, Fervença e Ermelo - daí nunca se ter constituído como Associação. Em 1990, aquando da extinção das Casas do Povo, a Tuna vê a actividade cessar, já que o ensaiador na altura, Sr. Joaquim Carvalho, passa a exercer a sua actividade profissional em Mondim de Basto.

A Tuna nunca teve grandes problemas financeiros, conseguindo sempre as verbas necessárias para o seu funcionamento, quer através dos subsídios atribuídos pela Casa do Povo, quer das receitas provenientes das suas actuações.

A sua extinção deve-se, não só ao envelhecimento da população, resultante dos factores já atrás mencionados, mas também ao facto de Sr. Joaquim não ter disponibilidade para manter as suas funções como ensaiador. A extinção da Casa do Povo conduziu ao desaparecimento de um espaço para os ensaios. Foram várias as tentativas, quer por parte da autarquia quer até por parte do Parque Natural do Alvão, para que o projecto voltasse a ser reiniciado. No entanto, devido à dificuldade de meios de transporte entre as aldeias da freguesia, à falta de estruturas de apoio, ao envelhecimento da população e, segundo a opinião do Sr. Joaquim de Carvalho, devido a razões relacionadas com a logística e à falta de quem ensine os poucos jovens existentes, a Tuna de Ermelo continua parada, limitando-se, de vez em quando, a juntar alguns dos seus elementos mais velhos, que aproveitam a época das Janeiras para relembrem bons e velhos tempos.

Em conversa informal com a autarquia, esta, mostrou-se aberta a apoiar iniciativas que possam reavivar uma tradição tão característica do seu concelho. O

mesmo acontece com a direcção do Parque Natural do Alvão, que já em 1995 editou o "Cancioneiro do Alvão", como forma de motivar o reaparecimento da Tuna.

A TUNA "A VOZ DO CAMPO" (POMARELHOS)

Situada nas faldas do Marão, entre as terras da Campeã e Santa Marta, fica a Freguesia de Torgueda, da qual faz parte a aldeia de Pomarelhos. Com uma área aproximadamente de 14 Km², a freguesia de Torgueda pertence ao distrito e diocese de Vila Real

Não sendo uma das aldeias mais populosas da freguesia, com cerca de 380 pessoas, a sua população é, contudo, muito jovem. Apenas 45% da população tem mais 45 anos. Na grande maioria, a população está empregada nos sectores secundário e terciário. É também uma das aldeias com menos percentagem de analfabetismo. Na sua grande maioria a população possui como habilitação mínima o 2º Ciclo. Existe uma grande percentagem com o 12º ano ou equivalente e cerca de 5% são licenciados ou frequentam o ensino superior.

O Grupo Recreativo e Cultural "A Voz do Campo" é a associação cultural mais recente da freguesia. Foi criada em 8 de Outubro de 1994. As suas actividades dividem-se entre a edição de um Boletim Informativo trimestral e uma Escola de Música, tendo por base os instrumentos tradicionais, que tem por objectivo fundamental dar formação aos elementos da Tuna. Esta é constituída actualmente por 31 elementos, com idades compreendidas entre os 11 e os 26 anos. A Associação possui 90 sócios, a maioria com idade inferior a 45 anos, sendo um terço mulheres.

A actual Tuna conta com a colaboração de um professor, licenciado em Educação Musical, com larga experiência nos instrumentos de corda, nomeadamente os que estão relacionados com a música tradicional portuguesa. A Tuna integra uma "Escola de Música de Instrumentos Tradicionais", que é frequentada por mais de trinta jovens, com idades compreendidas entre os 10 e os 26 anos. Com uma vertente acentuadamente pedagógica, a Associação foi pioneira na organização dos Cursos de Pedagogia Musical, de Vila Real, tendo trazido a esta cidade nomes como o pedagogo holandês Pierre Van Hauwe. Presentemente, a Associação possui instalações próprias, capazes de dar resposta ao trabalho que desenvolve.

Com seis anos de existência, a Associação possui um activo financeiro considerável, tendo movimentado nos últimos anos cerca de 45.000 contos, sendo de destacar a construção da sede social, que orçou em cerca de 15.000 contos. As verbas provêm de subsídios por parte da Câmara de Vila Real, INATEL, Instituto Português da Juventude (IPJ), Ministério da Administração Interna, Junta de

Freguesia, alguns mecenas, quotizações e ainda de actuações realizadas. De salientar, ainda, que o ensino ministrado na Escola de Música é gratuito e que 90% dos instrumentos são propriedade da Associação. Os elementos da Tuna não recebem remuneração alguma, o mesmo sucedendo com o professor.

Actualmente, a Associação é composta por uma Direcção jovem e com um nível cultural pouco usual em áreas rurais do interior, o mesmo acontecendo com os restantes órgãos sociais. A aldeia tem muitos jovens, bem como a freguesia, o que permite antever uma continuidade no trabalho iniciado. Por sua vez, quer na população, quer nas entidades oficiais, nomeadamente no INATEL e na Câmara Municipal, a Associação encontrou um forte apoio e entusiasmo pelo trabalho realizado. No entender da autarquia, a sustentabilidade do projecto está, de certa forma, assegurada, já que existem jovens que adquiriram formação, quer na parte musical quer na parte associativa, capazes de continuar o projecto sem que este desvirtue a qualidade que já atingiu. Quanto à comunidade, ela aposta na Tuna como um dos meios de divulgação e promoção da cultura da sua região.

TUNA DA CAMPEÃ

Situada no grande vale compreendido entre as serras do Marão e do Alvão, fica a freguesia da Campeã, cuja sede se situa no largo da Feira. Com uma área de 23,9 Km,² a freguesia pertence ao concelho e distrito de Vila Real e está situada no extremo Sul do concelho. Tem uma população de cerca de 1950 habitantes, dos quais perto de 60% são mulheres e mais de 42% desenvolvem a sua actividade no sector terciário. O sector primário ocupa cerca de 35%, enquanto no sector secundário trabalham à volta de 22%.

Fruto do movimento migratório, que atingiu um dos seus pontos altos na década de 60, a população tem vindo sempre a decrescer, apresentando uma estrutura etária razoavelmente envelhecida. Segundo dados do INE, em 1991 34% da população tinha menos de 24 anos, 45% entre 25 e 64 anos e 17% mais de 65 anos.

A "Tuna da Campeã" foi fundada em 28 de Junho de 1988 e os estatutos publicados em Diário da República no dia 28 de Julho de 1988. Apesar de estar inscrita como Associação, não possui associados nem Corpos Sociais.

O responsável pela formação da Tuna, Sr. José Jorge Maio, conhecido por Mestre Grilo, é, sobretudo, um autodidacta. Toda a sua formação assenta no conhecimento empírico e na experiência, transmitida, ora por outros autodidactas, ora por mestres ou professores de música, mas sempre entre dois goles (de uma chávena) de café.

Os recursos financeiros provêm somente dos subsídios atribuídos pela Junta, pela Câmara Municipal e pelo Inatel e, também, da venda de serviços. Com estas verbas a Tuna adquire o material necessário e paga aos seus elementos sempre que estes actuam. Todo o movimento financeiro é, igualmente, da responsabilidade de Mestre Grilo.

A Tuna, actualmente, é constituída por uma faixa etária muito jovem e reúne qualidade muito positiva, o que aliás justifica as actuações realizadas por todo o País. No entanto, tanto a comunidade como o próprio director são de opinião que futuramente a Tuna poderá atravessar momentos difíceis, se entretanto não encontrar alguém com conhecimentos musicais, a capacidade e a dedicação de Mestre Grilo.

Na opinião da autarquia, a Tuna tem desenvolvido um trabalho profícuo para melhor conhecimento da região. É, sem dúvida, uma excelente representante da cultura tradicional local. A aposta futura neste trabalho, por parte da Junta, passa por mais apoio, nomeadamente a criação de um espaço nas futuras instalações da Junta de Freguesia, onde a Tuna encontrará as condições necessárias para os seus ensaios. Estarão assim criadas, na opinião de todos, condições capazes de oferecer uma sustentabilidade a este projecto.

TUNA DE CARVALHAIS

Situada a Norte do concelho de Santa Marta de Penaguião, nas abas do Marão, fica a freguesia de Louredo, da qual faz parte a aldeia de Carvalhais. Com uma área de 713 ha, a freguesia de Louredo tem cerca de 596 habitantes, segundo os últimos censos (INE, 1991). O lugar de Carvalhais tem apenas 86 habitantes, 60% dos quais com idade acima dos 45 anos. Isto deve-se ao facto de a região estar sujeita a fortes movimentos de emigração.

Situada numa zona de montanha, toda a freguesia de Louredo e, nomeadamente, o lugar de Carvalhais, encontra na agricultura de montanha o seu principal meio de subsistência. Só uma pequena parte da população trabalha nos sectores terciário e secundário.

A Tuna de Carvalhais foi fundada em 1918, mas só viu os seus estatutos publicados em Diário da República em 6 de Agosto de 1982. Apesar de estar inscrita como Associação, não possui associados nem Corpos Sociais.

O Sr. António Lourenço, responsável pelo ensino na Tuna, é um autodidacta. No caso do Sr. António, ele criou o seu próprio sistema de escrita musical, de forma a facilitar a tarefa ao aprendiz. Como a afluência, na camada jovem, tem aumentado, a Tuna pensa arranjar sede própria, onde pode aumentar a sua actividade, já que, ao

longo destes quase 90 anos de existência, toda a actividade se tem desenvolvido em casa da família Lourenço.

Tal como em outros casos, os proventos financeiros vêm dos subsídios atribuídos pela Câmara Municipal, pelo INATEL e ainda da venda de serviços. Como é uma Tuna muito requisitada para actuar em toda a parte do país, a sua situação económica é estável, o que permite a sua sustentabilidade financeira.

A Tuna de Carvalhais é o exemplo característico de como um pequeno lugar se torna conhecido através da sua actividade cultural, neste caso a música. Apesar da Tuna ter tido, em tempos, uma componente familiar muito forte e estar inserida numa região com população envelhecida, começam a aparecer jovens, quer de Carvalhais quer de aldeias vizinhas, interessados na aprendizagem deste género de música, com vista a integrar futuramente a Tuna. De realçar o facto de esta Tuna, até há pouco tempo, ser exclusivamente composta por homens, integrando hoje uma rapariga e outras há que têm demonstrado vontade de se associar a este projecto.

A Família Lourenço continua a ter um grande peso no desenvolvimento deste projecto e ninguém põe em causa o empenho e os conhecimentos musicais do Sr. António Lourenço. No entanto, para que o projecto não acabe, num futuro, que na sua opinião espera que não seja imediato, ele está já a preparar um dos filhos para ser o seu continuador.

Na opinião da autarquia, esta Tuna faz parte dos grupos que, com a sua música característica, tem levado o nome da região a todo o país e até ao estrangeiro. Curiosamente, possuem já um trabalho gravado em Espanha. Na opinião da comunidade, a Tuna é encarada como um meio de reavivar a vida comunitária da aldeia e uma forma de os jovens não se “desviarem” para outros caminhos.

5. Principais Conclusões

O distrito de Vila Real possui uma grande riqueza no tocante ao património musical. Não é, pois, estranho que das 236 Associações Culturais e Recreativas, 154 (65,2%) integrem a música como uma das suas actividades.

Com uma população envelhecida, seria de esperar que as tradições musicais da região comesçassem a desaparecer, mas é na juventude que estas tradições culturais, nomeadamente a música, encontram mais força. Na verdade, numa época dominada pelos “media” globalizados, propícia à difusão de uma cultura “enlatada”,

em que é crescente a ameaça de perda de identidade cultural, são os jovens que, apesar de tudo, mantêm esta identidade viva.

Numa primeira análise global dos quatro casos estudados, poderemos dizer que:

- No passado, as Tunas preenchiam um espaço vazio, pois não havia rádio, TV, aparelhagens, outros tipos de música comercialmente mais agressivos (como a "Pimba"). Hoje, as Tunas têm que competir com tudo isto, o que constitui, para elas, um tremendo desafio;
- As Tunas vivem quase sempre de um líder, que "puxa pelo barco", que é quase sempre um autodidacta, tendo frequentemente herdado o seu gosto musical do pai e este do avô (são as raízes culturais familiares que se vão transmitindo de geração em geração);
- A própria composição das Tunas mais antigas tinha uma forte componente familiar (os pais, os filhos, os parentes próximos). Hoje, o círculo tende a alargar-se, mas os laços de família ainda estão bem presentes;
- As Tunas na região assumem uma forte tradição local e a história de uma pode cruzar-se com a de outra, na justa medida em que uma mesma pessoa pode estar na origem de mais do que uma Tuna ou, pelo menos, emprestar a sua colaboração a Tunas diversas;
- Uma outra característica interessante é que, no passado, as Tunas eram quase exclusivamente masculinas. Hoje, as mulheres começam a aderir e, em certa medida, até a dominar, com reflexos no próprio repertório;
- De facto, no passado, as Tunas apenas tocavam música, começando, mais tarde, também a cantar, sobretudo nas serenatas e nas cerimónias religiosas. Hoje, praticamente todas as composições têm um parte cantada;
- repertório das Tunas não é homogéneo, varia de caso para caso, o mesmo acontecendo com os instrumentos tocados por cada uma;
- Quanto à sustentabilidade financeira de uma Tuna, ela parece estar assegurada, sobretudo com os apoios institucionais locais (a Junta de Freguesia, a Câmara Municipal, o Inatel , etc.) e com receitas próprias, que podem ser significativas;
- Os principais obstáculos à sustentabilidade das Tunas são sobretudo dois, interrelacionados: a falta de líderes, de mestres que ensinem, que criem repertório, que pesquisem o repertório do passado; e o declínio populacional local, sobretudo a fuga dos mais jovens.

Outro aspecto que pudemos concluir, quando analisamos as quatro Tunas, é que grande parte dos músicos que as constituem, principalmente os mais velhos, têm conhecimento de um repertório muito exíguo e não se preocupam em aprender mais, já que muitas vezes ele é suficiente para as exigências do público. Por outro lado, muitas vezes, os músicos tradicionais modificam os seus instrumentos de escala temperada (caso do acordeão e do clarinete), procurando os seus próprios intervalos, mais apropriados aos seus ouvidos. Ao contrário do que se pode observar na música dita mais erudita, em que os músicos tocam exactamente o que está escrito, na música tradicional os músicos mudam muitas vezes as melodias, não se preocupando em obter uma sonoridade limpa, mas sim incorporar nas suas interpretações ruídos inerentes ao uso dos próprios instrumentos.

Resumindo, podemos dizer que existe uma riqueza tradicional que, por uma série de razões, durante muito tempo foi desvalorizada, recebendo os protagonistas da sua difusão, muitas vezes, um reconhecimento pouco digno, mesmo daqueles que faziam parte da comunidade em que estavam inseridos.

A forma utilizada no que respeita à transmissão deste património, durante muitas gerações, foi a via oral. A escola não lhe dedicou qualquer atenção digna de nota, o que diz bastante sobre a forma como, durante décadas, o património tradicional, e em particular a música tradicional, foram tratados.

Os dados obtidos demonstram como este período mais crítico, da difusão da cultura tradicional, está a modificar-se. É exemplo disto a maneira como as novas gerações estão a demonstrar, cada vez mais, a necessidade de conhecer e recuperar a sua identidade cultural. Tendo desaparecido praticamente os meios mais comuns (família, festas, tertúlias, reuniões, etc.) de difusão deste património, há que criar novos recursos capazes de continuar a motivar as gerações mais jovens para esta temática.

Referências

- BARRETO, A. (1996). *A situação social em Portugal, 1960/1995*. Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Lisboa.
- CASTELO-BRANCO, S. E. S. e LIMA, M. J. (1998). Práticas Musicais Locais, *Publicação Observatório das Actividades Culturais*, n.º 4, pp. 10-13.

- CAVACO, C. (1999). *Desenvolvimento Rural. Desafio e Utopia*. Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa: Lisboa.
- CRISTOVÃO, A. (1998). Em Busca da Esmeralda Perdida? Contributo para a reflexão sobre o Mundo Rural Português, *Comunicação ao Seminário Mundo Rural e Agricultura*, Comissão Parlamentar de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas.
- GRAÇA, F.L. (1974). *A Canção Popular Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Publicações Europa América.
- INE (1991). *Recenseamento da População*. INE, Lisboa.
- LEADER Magazine (1994). O LEADER, a Cultura e Desenvolvimento Local, n.º 8, pp. 12-16.
- MINHAÇA, Â. (1984). *Duas Tunas em Paralelo*. Região de Turismo da Serra Marão: Vila Real.
- OLIVEIRA, E. V. (1982). *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.
- PAIS, J.M. (1994). *Práticas Culturais dos Lisboaetas. Resultados do inquérito realizado em 1994 aos habitantes de Lisboa*. Instituto das Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Lisboa.
- SILVA, A. S. (1995). *Prática e representação das culturas. Um inquérito na área metropolitana do Porto*. Centro Regional de Artes Tradicionais: Porto.